

Fanzines em Natal: Passado, Presente e Futuro¹

Adalberto Almeida de ARAÚJO JÚNIOR²

Resumo

O objetivo deste artigo é compreender a produção independente de fanzines em Natal/RN, enquanto meios de folkcomunicação. Buscou-se, através da pesquisa bibliográfica e do método de entrevistas, reunir dados acerca dos objetos estudados, bem como elencar e definir os agentes comunicacionais relevantes de cada período. Através da análise dos dados obtidos, tornou-se perceptível a relação entre os objetos de estudo, tanto no caráter colaborativo quanto nas características que os tornam fanzines. Por fim, compreendeu-se de que forma os fanzines se inserem nos processos de folkcomunicação, assim como a relevância da atividade fanzinesca natalense diante do cenário nacional de circulação destas publicações.

Palavras-chave: fanzines; folkcomunicação; mídia alternativa

Introdução

Você já pensou se todas as obrigações que você cumpre são mesmo necessárias? Você já parou pra pensar sobre si mesmo, na sua existência? Você já imaginou que tudo podia ser diferente? Cada vez mais eu vejo as pessoas ignorando as possibilidades e se reduzindo a seres sem capacidade de questionamento. (MORAES, 2010, p. 67)

Não é de hoje que nos é dito para não tomar como verdade absoluta o que é propagado pela mídia. Em tempos que se faz cada vez mais necessária a interpretação crítica e a checagem das fontes de informações – dado o grande número de inverdades e conteúdos tendenciosos divulgados pelos grandes meios de comunicação de massa – o surgimento de veículos alternativos de comunicação mostra-se algo não só necessário, mas imprescindível para o desenvolvimento da sociedade.

Ainda na década de 1980, o linguista americano Noam Chomsky, em coautoria com o intelectual palestino Edward Herman, publicou o livro *Manufacturing Consent* (1988), que propõe uma análise da mídia enquanto negócio, desconstruindo a ideia de que esta tem a missão de servir e informar a população.

¹ Trabalho apresentado no GT 2: Morfologia da Folkcomunicação: Gêneros e Formatos da XVIII Conferência Brasileira de Folkcomunicação.

² Bacharel em Comunicação Social - Publicidade e Propaganda pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte. E-mail: contato@adalbertojunior.com

Este conceito foi recentemente revisitado pelo projeto audiovisual *Media Theorized: Reading Against the Grain*³ – ironicamente idealizado pela emissora de televisão jornalística *Al Jazeera*, a maior do Catar, para a página do seu programa *The Listening Post* na internet – que convidou cinco teóricos influentes ao redor do mundo para discutir como os mecanismos da informação funcionam, com o intuito de chamar atenção para a necessidade da leitura crítica e analítica.

O resultado são cinco vídeos curtos de animação, com conteúdo explicativo, abordando um tema para cada autor convidado, sendo um deles Chomsky, que tem sua obra apresentada por Amy Goodman no título *The Consent Factory: The Mass Media Machine*⁴.

O vídeo mostra como a mídia trabalha, aliada ao poder público, para de fato fabricar o nosso consentimento. Dizendo precisamente o que aqueles que estão no poder querem que seja dito para que nos comportemos conforme o esperado, isto é, aceitando o que é imposto e atuando meramente como massa de manobra. Isto se dá porque os grandes meios de comunicação de massa são empresas, portanto não visam a qualidade de prestação de seu serviço e sim o lucro (ADORNO; HORKHEIMER, 1985).

O lucro é garantido, não pelo consumo do conteúdo produzido para sua audiência, mas pela oferta desta audiência para os anunciantes, que por sua vez pagam grandes quantias em dinheiro para que o maior número possível de consumidores vejam sua propaganda.

Esta prática alimenta um sistema que abraça quem é a favor e exclui quem é contra. Protegendo e dando respaldo aos veículos que endossam as informações sugeridas pelo governo e marginalizando aqueles que assumem uma postura crítica. Criando um cenário propenso ao surgimento de mídias alternativas (DOWNING, 2004), que vislumbram no fracasso dos meios de comunicação de massa, uma oportunidade de apresentar diferentes pontos de vista acerca do cotidiano e da realidade das pessoas, independente dos interesses do Estado e das grandes empresas.

³ <http://interactive.aljazeera.com/aje/2017/the-listening-post-media-theorised/index.html>

⁴ <https://www.youtube.com/watch?v=34LGPIXvU5M>

Dentre as diversas formas de mídia alternativa que se desenvolvem nesse meio, uma que se destaca pelo seu caráter crítico e opinativo é, sem dúvidas, o *fanzine*.

O Fanzine e a Folkcomunicação

Desde o início das pesquisas em folkcomunicação, essa área de estudo vem sofrendo uma evolução contínua com a descoberta de novos objetos de investigação. Luiz Beltrão demonstra em suas obras uma série de aplicações para a folkcomunicação, estudando todas as etapas do processo folkcomunicacional, partindo dos meios de comunicação de massa, passando pelo líder comunicador até chegar à audiência folk. A audiência é estudada profundamente, a partir do cordel, de gravuras em banheiros, passando pelas audiências rurais, urbanas e encontrando seu espaço entre a cultura dos marginalizados. (CORNIANI, 2009, p. 1)

Fanzines são publicações alternativas, editadas e produzidas de forma amadora por indivíduos ou grupos de aficionados acerca de um determinado tema, gênero, expressão artística, ideologia ou posicionamento político. Seu surgimento data da década de 1930, nos Estados Unidos, embora sua denominação só tenha surgido em 1941, a partir da contração dos termos em inglês *fanatic* (fã) e *magazine* (revista), ou seja, algo como “revista do fã”⁵ (MAGALHÃES, 1993).

Estas publicações geralmente apresentam baixa tiragem e custo de impressão, uma vez que são distribuídas gratuitamente – ou a um valor muito abaixo do mercado – e direcionadas a um público específico. Os conteúdos são variados, abrangendo desde gêneros de expressão artística como poesia, música e quadrinhos à propagação de ideais e posturas políticas como anarquismo⁶, veganismo⁷, *straightedge*⁸ ou o que for da vontade do autor, visto que, segundo Magalhães (1993, p. 10), “são veículos amplamente livres de censura”.

Dado o seu caráter de “marginalidade”, por circularem as margens do mercado editorial e da comunicação de massa, os fanzines se inserem no contexto dos estudos da

⁵ Magalhães (2011) no entanto observa que o termo fã, apesar de fazer parte da etimologia da palavra fanzine, pode não representar de forma precisa os autores deste tipo de publicação. Visto que apresentam uma atitude mais proativa e de aficionado por determinada atividade artística, do que a passiva postura de contemplação ao objeto de culto, característica do fã.

⁶ O anarquismo é uma ideologia política que se opõe a todo tipo de hierarquia e dominação, seja ela política, econômica, social ou cultural, como o Estado, o capitalismo, as instituições religiosas, o racismo e o patriarcado.

⁷ O veganismo é um movimento de respeito aos direitos dos animais. Por razões éticas e políticas, os veganos não consomem produtos de origem animal e são contra a exploração do meio ambiente por meio da agropecuária.

⁸ Do inglês *straight* (direto, reto) e *edge* (borda, margem), comumente representado pela sigla sxe. Trata-se de um estilo de vida que defende a total abstinência a drogas lícitas e ilícitas.

folkcomunicação; teoria apresentada pelo professor pernambucano Luiz Beltrão em sua tese de doutoramento, defendida em 1967 na Universidade de Brasília. Isto se dá por que os fanzines são porta-vozes dos setores e expressões artísticas menosprezadas pela grande imprensa, representando pensamentos de indivíduos e associações que produzem seus próprios veículos, como forma de interação, troca de informações e opiniões (MAGALHÃES, 2011).

No Brasil, os fanzines surgem inicialmente com o nome de boletins, sendo o primeiro publicado em 1965, por Edson Rontani, na cidade de Piracicaba. Seu conteúdo era destinado a histórias em quadrinhos e sua impressão era em mimeógrafo e álcool, com tiragem de aproximadamente trezentos exemplares. *Ficção*, como foi denominado, aparentemente não tinha periodicidade, no entanto até 1968 foram publicadas doze edições.

Os fanzines em Natal

Em Natal, a produção de fanzines iniciou-se por volta de 1970, mas foi na década seguinte que a produção começou a se dar de maneira substancial. Utilizando processos de composição e impressão como tipografia, linotipia, fotocomposição, letreset, fotocópia e offset – geralmente apresentados nos formatos de tablóide, A4 ou A5 – os conteúdos eram dedicados a temas como arte, poesia, política e sátira, com periodicidade geralmente mensal e tiragens que não passavam de mil exemplares por edição (SANTIAGO, 2014).

Este período do fanzinato natalense é retratado no livro *Delírio Urbano* (2014), de Jota Medeiros, com título homônimo ao consagrado zine local, um dos pioneiro de sua geração; cuja repercussão ultrapassou as fronteiras da cidade do sol, levando a poesia e as artes natalenses para além dos limites da cidade e região. Além deste, outras publicações de relevante circulação na cidade também são retratadas no compilado, como o *Maturi*, *Hotel das Estrelas*, *Folha Poética*, *Rangal*, *Desobedeça* e *Criação* – Uma Revista Vanguarda.

Mais adiante, nos anos 2000, novos fanzines se destacavam pela sua qualidade e experimentação gráfica. Resultado do avanço causado pela formação de grupos e

coletivos cada vez mais articulados, geralmente compostos por estudantes, músicos e artistas locais dispostos a divulgar seus trabalhos e explorar novas experiências textuais. Prova disso é o lado[R], cujo requinte gráfico e conteúdo de qualidade renderam destaque no site da Trama, "uma das gravadoras mais famosas de música independente" (PAIVA, 2016, s.p.).

A partir de 2010, grupos de indivíduos também passam a ganhar notoriedade, como é o caso da Editora Tribo, fundada em 2013 com o objetivo de "transformar ideias em projetos e explorar as possibilidades de cada um deles" (TRIBO, 2017, s.p.). A Editora Tribo tornou-se conhecida pelos seus fanzines, chegando a publicar uma edição por mês durante o ano de 2014, sempre convidando autores de diversas regiões de Natal e também de outras cidades para produzir um conteúdo diverso, da poesia aos quadrinhos (PAIVA, 2016, s.p.).

Metodologia e técnicas para coleta de dados

O objetivo deste artigo é compreender a produção independente de fanzines em Natal/RN, no contexto dos estudos da folkcomunicação, enquanto meios populares de informação de fatos e expressão de ideias (BELTRÃO, 1980). Através da pesquisa bibliográfica, buscou-se reunir dados acerca de folkcomunicação e fanzines, além da atividade e produção deste tipo de mídia aqui na capital potiguar.

Também foi necessário o método de entrevistas – como técnica para coleta de dados, direcionadas a grupos ou indivíduos produtores de fanzines na cidade⁹ – com o intuito de colher informações específicas. Os entrevistados foram os fanzines lado[R] e Born to Zine, publicações referentes ao passado e presente do fanzinato potiguar; assim como a jovem e promissora Editora Miopia, cuja proposta de captação e publicação de projetos pode alavancar a produção de novos títulos no futuro.

Esta pesquisa justifica-se na contribuição para o avanço dos estudos do fanzine, da folkcomunicação e do desenvolvimento das mídias alternativas no Brasil, visto que

⁹ As entrevistas foram concedidas por Leandro Menezes, Shilton Roque e Pedro Lucas, representantes dos fanzines lado[R], Born to Zine e da editora Miopia, respectivamente; entre os dias 30 de Março e 3 de Abril de 2017. Foram direcionadas questões acerca da importância da produção de fanzines na cidade, além do histórico e características do objeto estudado, em não mais que seis ou sete perguntas.

ainda são temas pouco abordados no âmbito acadêmico. Seu caráter é exploratório e as fontes de dados são tanto primárias quanto secundárias, com informações oriundas tanto de livros, monografias e artigos publicados por terceiros, quanto diretamente dos autores, por intermédio de suas publicações e das entrevistas.

O passado recente e marcante do lado[R]

Esse é o lado[r]. Aproxime-se para a leitura. Sinta o cheiro das palavras. Leia um texto, rotacione-o, afaste do seu rosto, aproxime. Vire a página, leia outro texto. Deixe-o em cima da mesa. Depois releia tudo de cabeça para baixo. Somos um fanzine. E como todo que se preze, a linguagem é de experimentação. O fanzine tem que "obedecer" a um certo ritmo de leitura. Sua linguagem, por mais experimental que seja, apresenta algumas diretrizes criativas. E, para esse número, decidimos brincar com a forma.¹⁰

Criado por Leandro Menezes, Dimetrius Ferreira e Rafael Medeiros, o lado[R] surgiu com o intuito de publicar conteúdos cujo os autores gostassem de ler e que se diferenciasssem da mesmice dos veículos impressos que circulavam na cidade. Inspirados pelos fanzines produzidos na UFRN até então, como o Intelecto Subterrâneo, Gatemouth, Catarro, Barulhoscópio, Um grito pela paz, dentre outros, os estudantes lançaram a primeira edição deste fanzine em junho de 2005 (PEREIRA. et al. 2008).

Segundo seus criadores, a primeira edição enfrentou dificuldades, mas ainda alcançou a tiragem de quase cem cópias, distribuídas gratuitamente. A impressão era amadora, fotocópias em papel A4 reciclado, dobrando ao meio verticalmente, como um cardápio. Seu conteúdo e formato curioso no entanto foram bem recebidos, o que impulsionou as publicações seguintes, chegando até a nona edição, lançada em 2010.

Além, é claro, dos quatro volumes do Errado, versão de bolso em forma de tabloide A7, geralmente distribuído durante o Festival DoSol, que acontece há mais de 15 anos na cidade de Natal, atraindo bandas e público de várias cidades do Brasil.

O lado[R] foi evoluindo ao longo de suas edições e com isso adquirindo qualidade e requinte gráfico; mudando o tipo de papel e aumentando sua tiragem, que chegou até duas mil cópias, porém mantendo a distribuição gratuita. O caráter

¹⁰ LADO[R], n. 8. Natal, 2008.

experimental das publicações é abordado no editorial do oitavo volume, já citado anteriormente, assim como seu conteúdo produzido de forma colaborativa:

Nessa edição, um amontoado de ideias orgiáticas e criativas. Feitas por cabeças errantes que pensam a arte como meio de guerrilha e sobrevivência na selva do marasmo cultural.

O ativismo cultural ainda pode desenvolver distúrbios!

Conhecimento não se vende, se compartilha.

Contra o sedentarismo e a obscenidade do espetáculo... as palavras que se seguem.

De acordo com Leandro Menezes, era normal convidar pessoas para colaborar, seja escrevendo textos, ou fazendo ilustrações para compor o projeto gráfico. As pautas geralmente abordavam "entrevistas com personalidades locais, bandas, artistas plásticos contemporâneos, audiovisual, escritores, quadrinhos, eventos, tecnologia musical, ensaios fotográficos, teatro de rua... numa verdadeira salada cultural do que está em efervescência e do que foge ao olhar da grande mídia" (PEREIRA. et al. 2008, p. 2).

Para Leandro, o papel do fanzine é servir de suporte pra uma pessoa ou grupo, segundo ele, "arriar sua lombra" de forma livre, sem censura e sem um padrão ou grupo capitalista falando como deve ser ou o que pode e o que não pode fazer. Por isso as aspas na palavra "obedecer", no editorial citado anteriormente. Um fanzine não obedece a nada e não existem regras pra definir o que é ou não fanzine. Ele é o que é a partir do momento que se afirma como tal.

O presente ativo e engajado do Born to Zine

A agitação de ideias que segue é um recorte de várias vidas e vários lugares. Não estranhem se ao folhear sintam um cheiro de mar, ou o calor do verão palestino, ou ouçam músicas conhecidas, ou vozes familiares. Nestes papeis as palavras são vivas e resistem mais do que o papel que as suporta ou as vidas de quem as escreveu.

Em homenagem ao fanzine lado[R], às bandas Colligere, Born to Freedom e ao Sinasefe Sindicato.¹¹

O lado[R] foi e ainda é, sem sombra de dúvidas, um fanzine de forte presença e circulação na cidade. Seu passado é marcante e encorajou novos autores a criarem e publicarem seus próprios projetos. Como é o caso de Shilton Roque, criador do Born to

¹¹ BORN TO ZINE, n. 1. Natal, 2015.

Zine, cuja primeira edição foi publicada em 2015 e trazia em seu editorial uma homenagem ao seu veterano.

O Born to Zine se apresenta como um livreto A5, com capa colorida e miolo em preto e Branco. Conforme descreve Shilton, seu conteúdo segue um esqueleto que por vezes lembra uma revista. São artigos de opinião, crônicas, poemas, entrevistas, quadrinhos, editorial, em sua maioria com conteúdo político, pontua o autor, ou quando não, com uma perspectiva contra-hegemônica no seu campo.

Além de escrever, Roque também edita e revisa o material, comandando todo o processo editorial. Uma vez que grande parte do conteúdo é produzida de forma colaborativa, onde várias pessoas de diversos lugares do país contribuem da maneira como podem, seja com um texto, um desenho ou até mesmo fazendo a diagramação do zine. Isto é possível devido ao grande número de contatos e amizades feitas pelo autor durante suas viagens e atividades frente à direção nacional do sindicato ao qual faz parte e da sua banda de *hardcore*, a *Born to Freedom*¹².

Assim como no fim do Estado, Shilton vê a descentralização de processos como fator importante da produção de fanzines. Para ele, a liberdade e a possibilidade de gerar conteúdo é algo muito pedagógico para a vida e nos ensina o quão livre podemos ser. “O fanzine, guardando essa essência do *faça-você-mesmo*, mostra também o quanto o mundo e nossa vida estão grávidos de possibilidade e como podemos fazer dessa prenhez um ser”, argumenta.

A essência do *faça-você-mesmo* (McNeil; McCain, 2013), apontada pelo autor, é herdada do *punk*, que fez do fanzine sua principal ferramenta de comunicação e divulgação de ideias, bandas e também pensamentos de certa forma ligados ao movimento, como anarquismo, veganismo e *straightedge*. Questionado sobre a ligação entre o fanzine e tais ideais políticos e comportamentais, Shilton explicita:

A ligação vem justamente do caráter de comunicação marginalizada. Todos esses grupos são contra-hegemônicos e estão num processo de disputar por hegemonia na sociedade, o que alguns chamam de luta de classes. A disputa por hegemonia é feita no campo do convencimento e este vem com informação. Os grupos que estão na base da dominação têm ao seu favor a mídia comum, os meios de comunicação de massa. Por sua vez, resta àqueles grupos buscar seu

¹² <https://borntofreedom.bandcamp.com/>

espaço para expor suas ideias e o formato do zine é bem propício para isso. Além de permitir a produção de conteúdo de forma independente, seu formato livre já demonstra também a contestação dos padrões que aqueles grupos fazem em seu cotidiano.

Para Shilton, os fanzines têm um papel tão relevante em sua vida quanto o próprio *punk*, *hardcore* e as teorias políticas pois, segundo ele, salvaram sua vida da mediocridade, da normalidade e do mar de coisas ordinárias que tentam nos vender com máscara de extraordinário e diferente. Fazendo com o que autor buscasse criar seus próprios meios para retroalimentar esta circulação de conteúdo independente e tornando o Born to Zine um grande articulador de ideias e autores, não só no cenário alternativo de Natal, como também em diversas regiões do Brasil.

O futuro jovem e promissor da Editora Miopia

Fazer silêncio durante a escrita era uma procura dos antigos – o escriba, no momento em que trazia as palavras para a superfície, como se fosse um deus, um criador, fundava ao mesmo tempo dois fenômenos: o nada e a letra. No momento em que o gesto, a palavra, a letra e a forma são colocadas no mundo, os espaços do silêncio se abrem, e se esgotam intimamente até gerar um mistério que, por mais que nos ap proximemos, só se turva e se desilumina.¹³

Fazer um zine é uma tarefa indiscutivelmente mais fácil do que publicar um livro seguindo as vias tradicionais. No entanto só vontade não basta. É preciso, além da ideia inicial, a atitude de passar aquilo para o papel, de organizar o conteúdo e buscar os meios viáveis para produzir e distribuir o material. Muitas vezes tem-se a ideia, mas não o conhecimento ou a experiência para colocá-la em prática.

Partindo desta necessidade, cada vez mais grupos de indivíduos se organizam em pequenos coletivos editoriais, como é o caso da já mencionada Editora Tribo, que articulou a produção e publicação de diversos fanzines na cidade, dentre eles o "doze olhos ou terceira miopia", de Pedro Lucas, Silvia Macedo e Maíra Dal'Maz, lançado em 2014. Inspirados pelo fomento na produção e circulação de pequenas publicações gerado pela Tribo, estes autores tiveram a ideia de formar seu próprio coletivo, batizando-o de Miopia, que iniciou suas atividades em junho de 2016.

¹³ ANASYRMA. Natal: Miopia, 2017.

A Editora Miopia surgiu inicialmente com o intuito de editar e publicar os textos literários produzidos pelo próprio grupo. No entanto, conforme aponta Pedro Lucas, com o tempo foi surgindo o interesse pela participação de outros autores que também se interessassem por literatura, seja ela prosa, poesia ou qualquer forma de experimentação verbal; abrindo também seu leque para publicações mais experimentais que mesclassem texto e artes visuais.

Em pouco mais de um ano de atividade, a Miopia já publicou cinco títulos, que são: o *Pequeno Livro da Musa Invisível*, com poemas de Pedro Lucas e ilustrações de Andressa Dantas; *O frio*, um conto de Pedro Vale com ilustrações de Laura Dias; *Efeito do Tempo*, escrito e ilustrado por Gustavo Rocha; *Anasyrma*, com dois contos de Maria Luiza Chacon e ilustrações de Raom Hai; e o recém lançado *Febril*, escrito e ilustrado por Karla Farias. A característica que os une, aponta Pedro Lucas, talvez seja a experimentação formal – ora os textos são mais herméticos, ora os desenhos mais abstratos, ora ambos dialogam como num delírio, explica.

Atualmente o corpo editorial da Miopia é formado por Silvia Macedo, Pedro Lucas, Maria Luiza Chacon e Pedro Vale, além de Rodolfo Almeida, que se responsabiliza pela diagramação dos materiais. O diferencial do grupo, com relação aos demais, está em propostas como a abertura de editais que visam captar novos projetos para viabilizar o fluxo de edição e lançamento bimestral de novas publicações, dando espaço para novos autores submeterem suas propostas.

Para Pedro Lucas, os fanzines possuem um papel minoritário muito importante na comunicação, pois transmitem discursos que estão às margens, incômodos, desajeitados e isso é importante para produzir novas subjetivações e enriquecer a formação crítica dos sujeitos. O autor acrescenta:

A produção dessas publicações independentes é de importância vital para que surjam movimentações, inquietudes e questionamentos que acionem politicamente seus receptores, já que é uma forma autônoma de comunicação que também autonomiza seus interlocutores.

Por estes e outros motivos, a Editora Miopia se mostra um forte candidato a dar continuidade ao trabalho feito até então por outros coletivos da cidade como o lado[R] e a Editora Tribo. Sua atividade e propostas inovadoras, no entanto, pode resultar num



aumento ainda maior na produção de fanzines e surgimento de novos autores na cidade, dado o seu caráter amplamente colaborativo e aberto à captação de projetos.

Considerações

O desenvolvimento desta pesquisa visa contribuir e ampliar o foco dos estudos dos fanzines, no âmbito da folkcomunicação, a partir de uma compreensão do passado, presente e futuro da atividade fanzineira natalense; representados por três agentes comunicacionais relevantes na cidade e, de certa forma, relacionados entre si.

Tal relação percebeu-se pelo caráter colaborativo que permeia as publicações dos três objetos estudados; seja na organização de conteúdos de diferentes autores em uma mesma edição ou durante o processo de desenvolvimento e produção de publicações, assim como as características que os definem enquanto fanzines.

Compreendeu-se também como os fanzines se inserem na folkcomunicação e como suas práticas se desenvolvem, de forma alternativa e independente, às margens do mercado editorial e dos meios de comunicação de massa.

Por fim este trabalho busca dar mais visibilidade à produção de fanzines na cidade de Natal e demonstrar sua relevância e atividade diante do cenário nacional de circulação destas publicações.

Referências

ADORNO, Theodor; HORKHEIMER, Max. **Dialética do esclarecimento**. Rio de Janeiro: Zahar, 1985.

AZEVEDO, Tatiana. **O Design como ferramenta auxiliar no desenvolvimento de Fanzine**. 2016. 80 f. TCC (Graduação) - Curso de Design, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2016.

BELTRÃO, Luís. **Folkcomunicação: A comunicação dos marginalizados**. São Paulo: Cortez, 1980.

CORNIANI, Fabio Rodrigues. A Internet na evolução do pensamento Folkcomunicacional. In: IX ENCONTRO DOS GRUPOS/NÚCLEOS DE PESQUISA EM COMUNICAÇÃO, 2009,



XVIII Conferência Brasileira de Folkcomunicação
Recife-PE, 02 a 05 de maio de 2017 – UFRPE/FACIPE

Curitiba. **XXXII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação**. Curitiba: Intercom, 2009. p. 1 - 15.

DOWNING, John D. H. **Mídia radical**: rebeldia nas comunicações e movimentos sociais. 2. ed. São Paulo: Senac, 2004.

HERMAN, Edward; CHOMSKY, Noam. **Manufacturing consent**: The political economy of mass media. New York: Pantheon, 1988.

MAGALHÃES, Henrique. **O que é fanzine**. São Paulo: Brasiliense, 1993.

MCNEIL, Legs; MCCAIN, Gillian. **Mate-me por favor**: A história sem censura do punk. 6. ed. Porto Alegre: L&PM, 2013.

MORAES, Everton. A escrita como guerra: Ética e subjetivação nos fanzines punk. In: MUNIZ, Cellina (Org.). **Fanzines**: Autoria, subjetividade e invenção de si. Fortaleza: Edições Ufc, 2010.

PAIVA, Lara. **A história dos fanzines em Natal**. 2016. Disponível em: <<http://www.brechando.com/2016/05/historia-dos-fanzines-em-natal/>>. Acesso em: 04 abr. 2017.

SANTIAGO, Silvio. Delírio Urbano e mais fanzines e alternativos dos anos 80. In: MEDEIROS, Jota. **Delírio Urbano**. Natal: Sebo Vermelho, 2014.

TRIBO Editora. 2017. Disponível em: <<http://www.editoratribo.com.br/>>. Acesso em: 04 abr. 2017.